



Célia_Barros

CURADORIA

2 0 2 2



Célia Barros, Lisboa. 1977

Artista visual, curadora e educadora.

Mestre em Produções artísticas e investigação pela Facultat de Belles Arts da Universitat de Barcelona. Desde 2008 desenvolve projetos de exposições onde articula ações de curadoria, expografia e mediação em arte contemporânea. Cocriadora da aceleradora de projetos culturais Arte Movimenta SJC e do projeto Pausa Onírica, ambos criados em 2020 no contexto da pandemia provocada pelo vírus Covid-19.

Integrou a equipe permanente da Fundação Bienal de São Paulo de 2013 a 2015 como Palestrante e Produtora de Conteúdo, tendo atuado no Programa Educativo da mesma instituição em 2016, 2018 e 2021. Em 2015 foi Coordenadora Pedagógica do projeto "Lugares" de Stela Barbieri em três instituições do Sesc São Paulo. Foi professora nos cursos de Artes Visuais e Artes e Mídias Digitais na Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba entre 2018 e 2021.

Como curadora destacam-se as exposições "Xilograficamente" na Galeria de Artes Visuais - SESI (2021) "Madeira Nova" no Sesc São Carlos/SP (2019), 14º Salão Nacional de Arte de Itajaí na Fundação Cultural de Itajaí/SC (2018), "pedras são preciosas" em Botucatu/SP selecionado para o Edital ProAC – Obras e exposições (2016), além dos projetos "Curadoria Coletiva" e "Eles somos nós" com o apoio do SISEM/SP (2014) e do ProAC-Difusão de acervos museológicos (2015) desenvolvido em várias cidades da região de Sorocaba.

Y-art projet

Programa de exposições em espaços educativos



Exposição O Rumo das Linhas inúteis
Célia Barros e tamara Andrade
Projeto INSUSTENTAVEIS
Yázigi
São José dos Campos/SP
2009

Exposição Cidade Memória
George Gutlich e Akira Umeda
Projeto INSUSTENTAVEIS
Yázigi
São José dos Campos/SP
2008

Exposição Cidade Futuro
César Baio e Pitiu Bonfim
Projeto INSUSTENTAVEIS
Yázigi
São José dos Campos/SP
2008



Terra Viva

Série de exposições no Shopping Colinas



Exposição Corpus
Lindsay Ribeiro e Tamara Andrade
Projeto Terra Viva Mundo Imprtal
Shopping Colinas
São José dos Campos/SP
2010

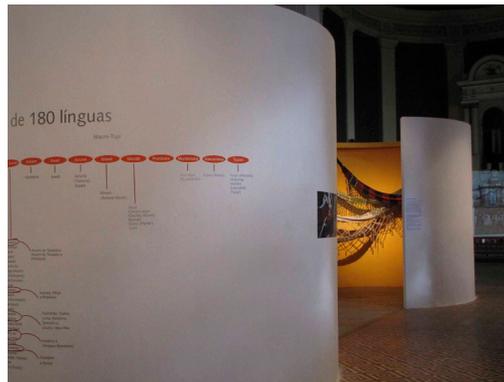
Exposição Seres
Claudio Caropreso
Projeto Terra Viva Mundo Imprtal
Shopping Colinas
São José dos Campos/SP
2010

Exposição Zonas
Reiko Shimizu e Célia Barros
Projeto Terra Viva Mundo Imprtal
Shopping Colinas
São José dos Campos/SP
2010



Eles somos nós

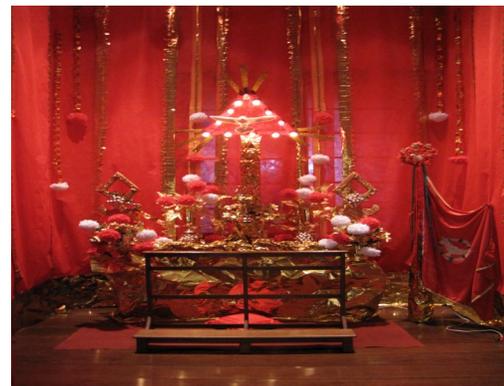
Trilogia de exposições no Museu de Antropologia do Vale do Paraíba



Exposição Nhenheném - Aqui todo o mundo é índio
Museu de Antropologia do Vale do Paraíba
Jacareí/SP
2010

Exposição Navegar é preciso
Museu de Antropologia do Vale do Paraíba
Jacareí/SP
2011

Exposição A cor que a ginga tem
Museu de Antropologia do Vale do Paraíba
Jacareí/SP
2012



Sinais

Exposição resultante do curso de curadoria coletiva



Coordenação:
Célia Barros e Paulo Pacini
Assistente: Mariana Teixeira
SISEM-SP
Museu Histórico Paulo Setubal
Tatuí, São Paulo
2014

pedras são preciosas

Exposição individual de Elisete Alvarenga

São apenas pedras.

Apenas roupas no varal, rosas secas, sacos de lixo.

São imagens simples e sem título.

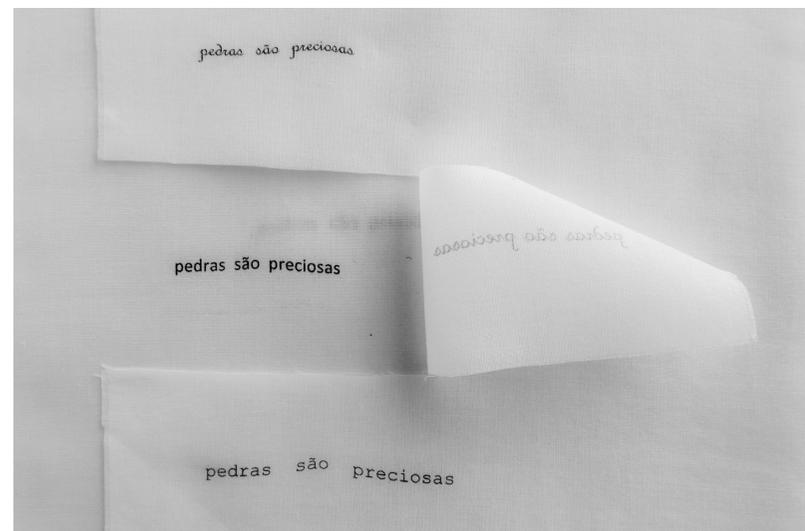
Desenhos do tempo.

Pequenas ocorrências, detalhes quase sem importância captados continuamente na forma de fotografias, como quem deixa um papel no bolso para não esquecer.

As imagens se acumulam num grande arquivo digital de onde são elegidas de tempos em tempos para serem olhadas, cortadas, dobradas, reformuladas.

De uma mesma imagem surgem linhas, contrastes, pesos e vazios que se desdobram em desenhos, bordados, fotografias pintadas e gravuras como se a artista continuasse caminhando pela cidade recolhendo tensões, sem saber o destino final mas sabendo o que procura.

Esta exposição apresenta uma seleção de trabalhos de Elisete Alvarenga que fazem parte de um longo processo de trabalho onde a obra se confunde com o estudo, o esboço, a preparação, a procura das linhas, das tensões no desenho, o equilíbrio de vazios. Procuramos mostrar como obra e processo caminham lado a lado, se espelhando na importância e na presença. Um não vive sem o outro, mas se alimentam reciprocamente. A pedra e a terra que nutrem a paisagem, perdas e olhadas, são coletadas e convertidas em imagem sedimentando impressões, convertendo em pó e pigmento o que antes era território. Um processo cíclico que a cada vez que se renova vem carregado de tempo e existência, elimina desperdícios e se aproxima sem tocar. A cada pilha de tijolos, cargas de caminhão ou roupas dobradas, o olhar é provocado e a cegueira do dia a dia, das coisas comuns, das coisas que esperam e anoitecem no mesmo lugar, quebra-se no breve momento em que abrimos e fechamos uma gaveta.



pedras são preciosas

Exposição individual de Elisete Alvarenga



Madeira Nova

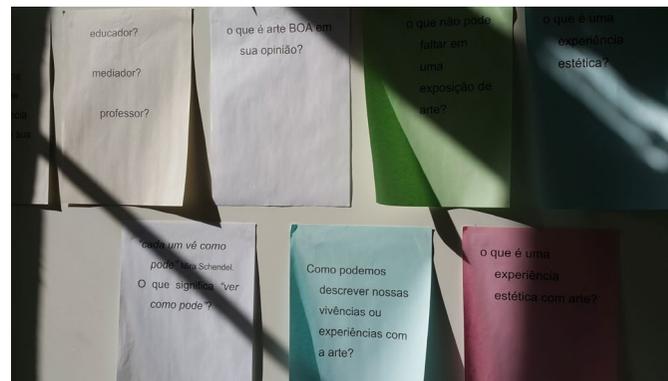
Quem são e o que fazem os jovens xilogravadores de SP?



Artistas:
Santidio Pereira, Luisa Almeida, Kamila Vasques, Julia Bastos, Rafael Toledo, Igor Santos, Fernando Mariano e Gabriel Balbino
Produção: Marta Masiero
Expografia: Marcus Vinicius
Sesc Santo Amaro
São Paulo/SP
2018

14º Salão Nacional de Artes Itajaí

Territórios



Artistas Convidados: Denilson Baniwa, Henrique Schwanke, Mauro Caelum, Eranos, Aldeia Bugio (Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng)
Coordenação: Angela Peyerl
Educativo: Valquiria Prates e Silvana Maria Rocha

Diversos Espaços
Fundação Cultural de Itajaí
Santa Catarina
2018

Pausa Onírica

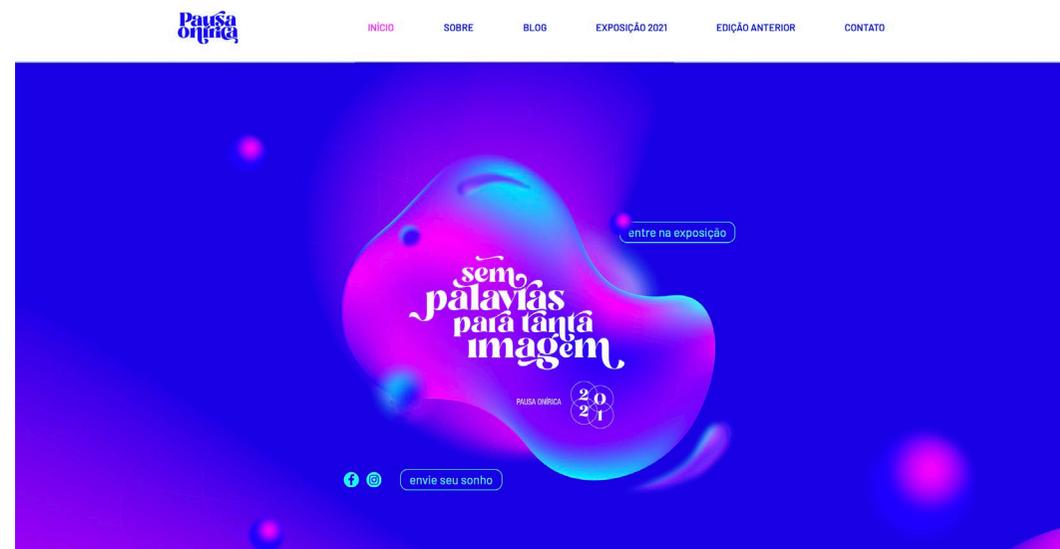
www.pausaonirica.com

A Pausa Onírica surge em março de 2020 no contexto da pandemia Covid-19. Entre junho e julho de 2020 forma-se a Caótica Coletiva que propôs um intercâmbio entre público e artistas: a cada relato de sonho, o sonhador recebeu três imagens de três artistas diferentes inspiradas no texto enviado.

A Pausa Onírica procura novas relações entre público e criadores, a partir do universo dos sonhos e da facilitação de um ambiente artístico-criativo,

Pretendemos cultivar os sonhos, discutindo questões de coautoria, espaços da imaginação e tempo para a auto-criação.

Artistas da Caótica Coletiva:
Célia Barros, Dani Akemi, Gabriel Tonhá,
Giovanna Vacani Felipe Naghirniac, Jenifer
Cristina, Jessé Rivas, Leo Alvim, Lindsay
Ribeiro, Nalu Luzio, Nathália Alkmin, Rafa-
el Toledo, Thaylla Barros
Analista Junguiana: Denise Batista Pereira
Jorge
Designer: Pedro Dias
Produção Aline Souza e Lindsay Ribeiro
Programação: SomaDev
2020-2021



Uma troca onírico-criativa

- 1**
Envie o seu sonho
Acesse o formulário, preencha seus dados e envie o seu relato. Os sonhos a que o projeto se refere são aqueles que experimentamos enquanto dormimos. Os "sonhos da noite" são menos objetivos, diferentes das metas e dos desejos que nos movimentam no dia a dia. Relatar o que acontece nesse universo onírico já é um exercício por si só, pois nos obriga a revisitar esse momento da vida cotidiana.
OBS: Se você colocar nosso e-mail
- 2**
Seu sonho é recebido por artistas
Uma troca onírico-criativa acontece quando, na conexão entre artistas e o relato do sonho, três imagens são geradas e compartilhadas com você.
- 3**
Receba suas imagens
Cria-se assim uma amplificação coletiva de símbolos sonhados e um espaço virtual de encontro entre inconscientes sonhantes e artistas.

Pausa Onírica

www.pausaonirica.com

Sem palavras para tanta imagem.

Cinquenta sonhadores enviaram seus relatos de sonhos para, em troca, receberem três imagens produzidas por três artistas, colocando em contato as imagens oníricas descritas com as imagens que despontaram na imaginação dos artistas a partir da leitura dos relatos.

Para que a proposta da Pausa Onírica se concretize, é necessário que o sonhador ensaie uma experiência de mediação pela palavra. O texto é, portanto, pausa necessária para que o universo onírico se materialize em novas imagens. A experiência da narrativa a partir do sonho é um desafio que exige tempo e corpo, para expôr as múltiplas imagens que se apresentam à psique durante o sonho, que não se conformam a um intervalo cronológico nem ao espaço geográfico do mundo da vigília. Vale lembrar que a palavra grega para 'sonho' é *oneiros*, que significa 'imagem'. Se pensarmos que o sonho é um desfile de imagens, entendemos então que exercer a narrativa a partir dessas imagens tem similaridade com a experiência de olhar para um quadro e dele fazer uma história. Segundo Jung, psique é imagem e "tudo aquilo que se torna consciente é antes de tudo imagem". Assim, no campo psicológico, imagem e psique são a mesma coisa. Diante disso, entendemos que "a imagem – em sonhos, nas fantasias, na arte, nos mitos e na sua maneira de revelar os padrões arquetípicos coletivos – é sempre o primeiro dado psicológico: as imagens são o meio pelo qual toda a experiência se torna possível".

Em troca, o sonhador recebe no seu email uma pequena exposição virtual de três imagens, uma micro exposição privada da qual ele foi co-autor, já que a partir do seu relato e em diálogo com ele, os artistas movimentaram a sua inventividade.



Pausa Onírica

www.pausaonirica.com

O conceito ou significante das imagens geradas reside nessa troca privada, ainda que, quando olhamos cada pequeno conjunto, seja fácil perceber que outros universos se entrelaçam com o primeiro. A tríade jamais resume ou condensa o texto, mas amplifica-o.

Os meses que antecederam esta exposição foram ainda um momento tenso da pandemia, com o plano de vacinação em curso, vivenciando o isolamento social a mais de ano e meio e perante o desconhecido, apelidado pela mídia de “novo normal”, atestando como inevitável uma transformação dos afetos, daquilo que concebemos como modo de vida, do que entendemos como relação. Mas cada um de nós vivenciou esse drama atual desde perspectivas diferentes, que inevitavelmente nos transformarão de forma irregular, talvez até contrastante.

Em contato com os sonhos relatados percebemos que algumas temáticas aparecem de forma recorrente no exercício de transcriar para o texto as imagens oníricas. Constatar que há assuntos recorrentes nos sonhos, temas comuns a toda a humanidade, nos remete àquilo que é arquetípico, ou seja, àquilo que é próprio do humano e esteve e está presente em todas as épocas e em todos os lugares. A morte é um dos temas que ocupam a humanidade desde seus primórdios e é claro, um símbolo muito ativado em tempos de pandemia.

Procuramos apresentar todo esse material evitando criar leituras que remetam diretamente ao texto que as mediou, já que as imagens criadas pelos artistas se originam do encontro com as imagens que se apresentaram à psique do sonhador. De imagem para imagem, a palavra entra nesse processo mais como balbúcio do que hierarquia de sentidos.

Célia Barros e Denise Jorge



Lua

Estava eu e um amigo andando pela noite na cidade indo para um rolê (uma baladinha). Chegando lá encontramos alguns amigos ficamos ali conversando e bebendo, eis que ouço crazy in love da beyoncé (hino do meu despertador). Os olhares se direcionam para o palco e vemos o presidente da republica montado de drag fazendo uma performance (???).

Davih

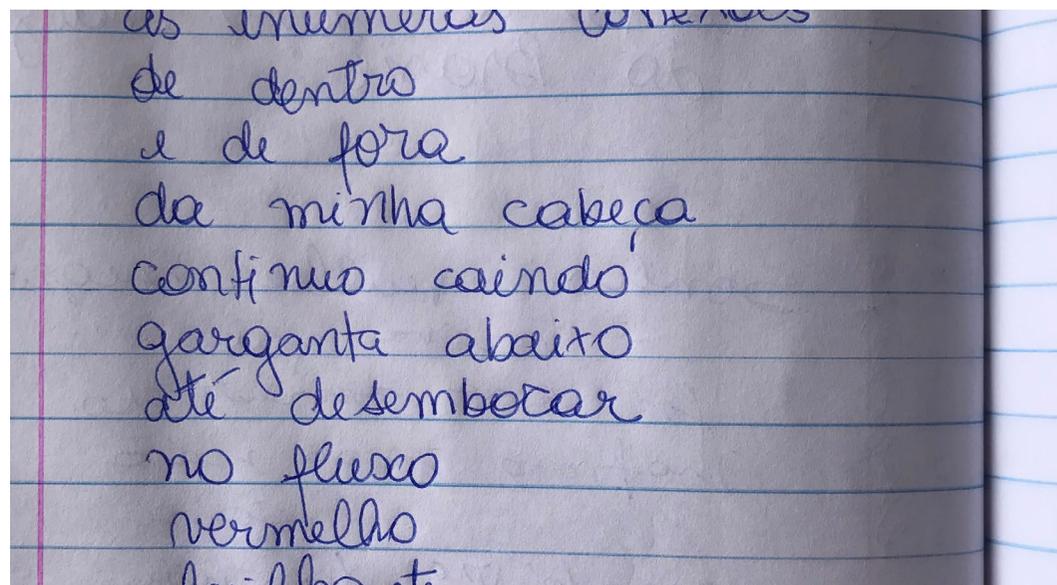
Latente incomum

www.latenteincomum.com

A partir de proposições artísticas de cinco oficinas com arte educadores de diferentes segmentos, esta exposição coletiva conecta as diferentes produções realizadas por 54 criadores participantes das oficinas com idades e trajetórias heterogêneas que refletem repertórios artísticos e experiências profissionais distintas.

Não existem palavras nem fórmulas matemáticas que expressem a intensidade das trocas ao longo dos encontros que aconteceram em março de 2021. Alguns criadores presentes nesta exposição participaram apenas de um encontro da oficina para qual se inscreveram. Já outras pessoas participaram de várias, como Claudia Diaz, Inara Vidal, Patrícia Ioco, Marie Bueno, Teresa Cristina Bendini, para não falar da inexpressável Madu Assis que participou de todas as oficinas como uma autêntica abelhinha polinizadora de ideias, absorvendo e transformando tudo em novos e flutuantes sentidos.

Cada oficina partiu de uma proposição artística que procurava conduzir caminhos para a expressão individual e coletiva. Elisa Castro ofereceu a Oficina Não ceder ao medo, desenhando estratégias de escuta que desembocaram na elaboração de uma bandeira que foi exposta na janela ou balcão de cada casa. Robson Jacqué propôs uma dança invisível por meio de ferramentas de exploração do movimento sutil. Regiane da Silveira ativou sua experiência com os públicos mais diversos para inspirar uma escrita a partir dos repertórios individuais. Melissa Rahal e Juliana Fiebig conduziram um olhar para as imagens a partir da cianotipia para a criação de novas possibilidades. Eu, que atuei como arte educadora e curadora, explorei as possibilidades de um ateliê online, onde a troca e o compartilhamento funcionassem como um mergulho para a criação. Nestes encontros, que tive a oportunidade de acompanhar muito de perto, as trocas permearam as angustias e formularam-se espaços para pronunciar a dor e o sem senti-



Latente incomum

www.latenteincomum.com

do, mas também se encontrou no riso e no brincar, o alimento para a magia. Como tão bem formulou Robson Jacqué: "A arte é o culto do sagrado, do estar presente num estado tão inteiro que a loucura do dia a dia some, desaparece e você naquele momento precisa fazer um videozinho de dança, naquele momento trata-se apenas da pessoa estar presente apenas com o corpo e a brincadeira dela, e isso é tão volátil que se você não dá esse tempo de rito, se você não abre tempo para esse rito, a nossa vida se torna ordinária."

Contra o ordinário pandêmico a que estamos sujeitos, forçados a um cotidiano que tem um perímetro curto e sempre assustado com o que o rodeia, estas oficinas trouxeram dilatações no espaço-tempo que reverberam na formulação desta exposição. A mostra não está dividida por linguagens ou temas, mas pelo entrecruzamento de vozes polifônicas que surgiram e reverberam de um encontro para outro. Para transitar pela exposição você encontrará símbolos indizíveis que conduzem a espaços onde cada criador foi colocado em diálogo próximo ao que o circunda.

Pensar esse formato online foi uma construção coletiva, não só a partir das produções dos 54 criadores e cinco arte-educadores, mas também dos intensos diálogos com a artista e designer Lindsay Ribeiro que concebeu toda a identidade visual do projeto e com a canceriana fotógrafa e videomaker Melissa Rahal que me acompanhou nesta aventura pelos espaços ocultos do impronunciável.

Arte-educadores:
Célia Barros, Elisa Castro, Robson Jacqué,
Melissa Rahal, Juliana Fliebig, Regiane
Silveira
Designer: Lindsay Ribeiro
2021



Xilograficamente

Santidio Pereira, Luisa Almeida, Kamila Vasques, Julia Bastos,
Rafael Toledo, Igor Santos, Fernando Mariano e Gabriel Balbino



Artistas:
Santidio Pereira, Luisa Almeida, Kamila Vasques, Julia Bastos, Rafael Toledo, Igor Santos, Fernando Mariano e Gabriel Balbino
Produção: Marta Masiero
Expografia: Adriana Yazbeck
Galeria de Artes Visuais
SESI Itapetininga, Campinas, São José dos Campos e São José do Rio Preto
São Paulo/SP
2021